

**4.º CICLO DE SEMINÁRIOS DE APROFUNDAMENTO EM
ADMINISTRAÇÃO E ORGANIZAÇÃO ESCOLAR**

Universidade Católica - Porto



***Reconfigurações do “ofício de aluno”:
aprendizagem em tempos de crise.***

Manuel Jacinto Sarmiento

sarmiento@ie.uminho.pt

» “Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há de ser medido pela **intimidade** que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que **as outras pedras** do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. “

Manuel de Barros

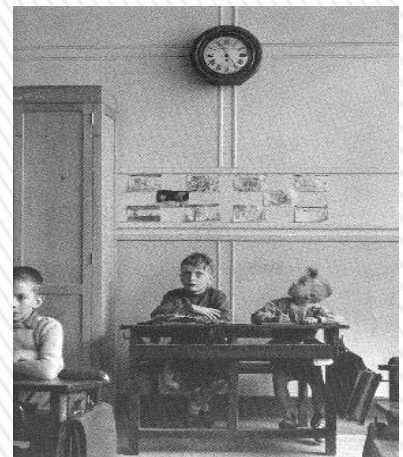
ATIRANDO A PEDRA...



- » A criação da escola pública na modernidade estabeleceu o pilar de socialização das crianças e jovens
- » A escola realizou a “**invenção do aluno**” (**Gimeno-Sacristan, 2006**): a criança foi investida de uma condição institucional e ganhou uma dimensão pública
- » A escola contemporânea constitui-se em torno de uma “**forma escolar**” (**Vincent, Lahire e Thin, 1994**), uma “**cultura escolar**” (**Young, 1980**) e de um modelo organizacional dominante a “**escola graduada de classe**”
- » A escola também definiu uma forma concreta de ser criança; de algum modo, a escola instituiu a infância (**Ramirez, 1989.**)



Robert Doisneau



A INVENÇÃO DO ALUNO



Fotos: Manuel Sarmento



- » O “**ofício de aluno**” define a condição social da criança enquanto ator investido pela sua presença na instituição escolar
- » O “**ofício de aluno**” (Perrenoud, 1995; Sirota, 1993) de implica uma orientação para a aprendizagem e estabelece-se em torno de:
 - > uma relação com a linguagem
 - > uma disciplina corporal
 - > uma forma de organização do espaço-tempo
 - > uma organização do pensamento
 - > uma orientação individualista do saber
 - > uma disponibilidade para ser avaliado



OFÍCIO DE ALUNO

- » A escola libertou a criança do trabalho produtivo direto para promover um outro tipo de **trabalho**: o de aprender
- » A criança é orientada para uma relação particular com o saber, tendo a escola uniformizado o modo de aquisição e transmissão do conhecimento, para além de toda a diferença individual, de classe ou de pertença cultural.
- » O processo histórico de construção da escola segue um modelo que inspira e é inspirado pela **modelo fabril** e a “administração científica” de A. Smith e F. Taylor.

(cf. Barroso, 1995; Sarmento, 2000)

OFÍCIO DE ALUNO



Fotos Alfredo Cunha



Documento da High School Teachers Association of New York City, 1912

A. Intenção ou objeto da “Administração científica”:

- 1. Promover a eficiência do trabalhador, i.e., o aluno**
- 2. Promover a qualidade do produto, i.e., o aluno**
- (...)**

B. Comparações entre escolas e empresas:

- 1. O professor, obviamente corresponde ao departamento de planeamento, supervisão e gestão da oficina**
- 2. Os elementos da empresa (os trabalhadores, a matéria prima e o produto final) estão combinados no aluno. Os outros elementos (ferramentas) são os manuais, os cadernos e o material didático.**

C. O professor deverá estudar e conhecer bem todos estes materiais

D. A responsabilidade final dever ser colocada sobre o aluno, e ele deve ser formado para sentir essa responsabilidade. 8...)

E. Principais dificuldades em fazer uma aplicação exata dos princípios científicos:

- 1. Demasiados elementos combinados num só (o aluno)**
- 2. A matéria prima é afetada por demasiadas condições externas**
- 3. A matéria prima má não pode ser trocada por boa**
- 4. O professor nunca vê ou contacta com o produto final (cit. Nunes, 2009:98)**

COMPARAÇÃO ENTRE OFÍCIOS



- » A mudança do modelo taylorista para a organização flexível do trabalho implica-se na alteração do modelo organizacional da escola. A “**escola às avessas**”:
 - > “Há alguns anos atrás, fui nomeado para estudar a organização de algumas escolas britânicas. (...) Lembro-me que a primeira pergunta que fazia (...) era: Quantas pessoas trabalham aqui? Obtive sempre números parecidos, entre setenta e noventa pessoas. Quando, surpreendido, mencionei isso a um responsável da educação, este exclamou: “Que maçada, esqueceram-se dos empregados de limpeza”. “Não - respondi eu - esqueceram-se dos alunos” (...)
- A escola às avessas fará com que o estudo se pareça mais com trabalho, com base em problemas reais a resolver ou verdadeiras tarefas a executar, em grupos de várias idades diferentes tipos de capacidades, todas elas úteis.”

(Handy, 1992:199-201)

A ESCOLA ÀS AVESSAS



- » A configuração da escola como “empresa” é prosseguida ativamente por políticas públicas contemporâneas:
 - > “ O ensino é um bem transacionável” (Crato, 2012)
- » “A empresarialização das nossas escolas é uma realidade [...]. As nossas escolas tornaram-se “*sweatshops*” dominadas por empresas onde as crianças estão no nível mais baixo de labor e os professores são gestores de baixo nível cujo trabalho consiste em guardar os trabalhadores envolvidos na tarefa” (Meyer, 2005:108)

ESCOLA-EMPRESA DA “MERCADORIA ENSINO”



- » A ideia da escola como “empresa” não é nova. Nova é a ênfase no caráter produtivo da educação e no modelo de competição e de mercado próprio das empresas capitalistas.
- » O sentido histórico – liberal, republicano e democrático - da escola como espaço de formação de cidadãos, cede lugar ao mandato da escola como entidade produtora da mercadoria “ensino”
- » Mas...
 - > a escola não é uma empresa : é um sistema de ação concreta centrado na intercomunicação de saber e de cultura...
 - > O ensino não é uma mercadoria : é um bem social ...
 - > O aluno não é um trabalhador sobre si mesmo: é um ator social e um sujeito cultural...



- » O ofício de aluno sofre transformações e mudanças.
- » A mudança no mandato político da educação é acompanhada pela transformação da normatividade infantil, marcada pela globalização e “individualismo institucionalizado “ (Beck e Beck-Gershein, 2003)
- » O traço mais marcante da globalização é a da inserção das crianças no mercado de consumo e o da individualização o da socialização para o individualismo



Fotos:
Manuel
Sarmento



A RENOVAÇÃO DO OFÍCIO



- » A globalização opera a diferentes níveis e em distintas escalas:
 - > difusão universal da normatividade inerente ao “melhor interesse da criança”, expressa na Convenção sobre os **Direitos da Criança** da ONU de 1989
 - > consequências da economia globalizada, aumento das desigualdades sociais,
 - > difusão global dos produtos da **indústria cultural** para crianças (com colonização do imaginário infantil)
 - + roupas, alimentos, acessórios, material desportivo, escolar, redes de serviços,
 - > criação de novos riscos decorrentes dos principais fatores da **sociedade de risco**
 - + desemprego parental,
 - + riscos de desenvolvimento associados à poluição ambiental e às catástrofes naturais potenciadas pelas alterações climáticas,
 - + sinistralidade inerente à motorização dos transportes,
 - + situações decorrentes das guerras e do conflito mundial, etc.

GLOBALIZAÇÃO



- » A individualização ocorre como novo princípio socializador: a socialização para a norma social dá lugar à “**socialização para o individualismo**” (Beck e Beck-Gershein, 2003)
- » A individualização ocorre num contexto ideológico de promoção do privado e de desmobilização e desmantelamento do espaço público. Assim, ocorre a fragilização dos laços do indivíduo na rede institucional.
- » Na socialização para o individualismo cabem normas de conduta, princípios de referência, critérios de performance, modas que o indivíduo é chamado a gerir no trabalho de construção de si.
- » As crianças são orientadas para uma exigência de autorregulação autónoma, que é feita em condições de regulação heterónoma, mesmo se remota.

INDIVIDUALIZAÇÃO



- » A redefinição da normatividade infantil opera num quadro de transformação tecnológica intensa.
- » A “geração digital” adapta-se à escola e a escola a ela através da sua reinscrição no ofício de aluno: aqui se origina o **e-ofício**.
- » O **e-ofício** combina 3 dimensões:
 - > A relação entre cultura escolar e *e-cultura*: e-learning; quadros interativos, TIC na escola
 - > A organização do capital social na “sociedade do conhecimento”: a relevância dada à cultura digital e tecnológica desvaloriza a cultura “clássica”; porém, a escola convive mal com essa desvalorização que ela própria promove
 - > A relação entre espaço-tempo de jogo e espaço-tempo de estudo: estabelece-se uma continuidade, que não é isenta de tensões, entre estudar e “navegar”

E-OFÍCIO DE ALUNO



Foto dos jornais

- » As aprendizagens das crianças, são reconstruídas numa proximidade tensa entre a educação formal e as aprendizagens informais (Rogers, 2014), realizadas sobretudo no quadro das suas culturas infanto-juvenis.
- » A interação entre as crianças e entre os jovens, constitutiva das **culturas de pares**, é redimensionada, no quadro da virtualização (parcial) das relações: as redes sociais, os *chats* de conversação e o correio eletrónico preenchem o desejo de conexão, mesmo se à distância.
- » A comunicação eletrónica origina um novo léxico, induz à comunicação iconográfica, reorganiza a sintaxe, contempla uma nova pragmática.
- » Mas o *e-ofício* da criança exprime-se também numa comunicação não síncrona, em rede e em feixe, configurando um texto multidimensional que objetiva formas de temporalidade e de pensamento distintas, fragmentárias e espessas.

APRENDIZAGENS INFORMAIS E *E-OFÍCIO* DE ALUNO



- » O *e-ofício* é incompreensível sem a difusão de produtos da **indústria cultural** para crianças. O mercado é controlado por grandes grupos económicos internacionais e associa-se à globalização do mercado orientado para o consumo de conteúdos culturais dirigidos para quem trabalha com crianças:
 - > Vídeos, sites, literatura de auto-ajuda, etc.
- » e para as crianças:
 - > Livros, jogos “didáticos”, gadgets, acessórios, material desportivo, escolar, redes de serviços).
- » Em consequência da economia globalizada, aumentam as **desigualdades sociais** e, por consequência, as desigualdades entre as crianças no acesso às fontes de configuração das culturas infantis e juvenis e das aprendizagens informais.

INDÚSTRIA CULTURAL E APRENDIZAGENS INFORMAIS



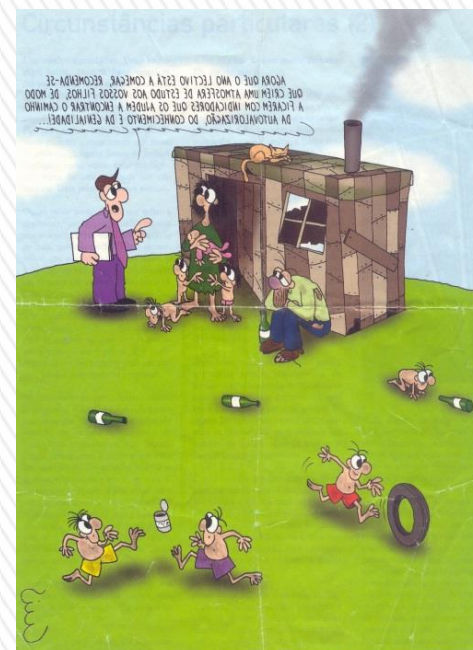
- » As desigualdades sociais são reforçadas pela crise económica e social
- » Os efeitos da crise na infância são hoje claramente identificados (Sarmiento, Trevisan e Fernandes, 2014):
 - > Aumento da pobreza infantil
 - > Deterioração das perspetivas de emprego (desemprego juvenil avassalador)
 - > Diminuição das expetativas educacionais (“a escola promete o que não pode cumprir” - Bourdieu, 1994)
 - > Aumento da exposição a comportamentos aditivos
 - > Agravamento das condições de conforto e saúde familiares
 - > Aumento da violência doméstica

A CRISE E AS DESIGUALDADES



As consequências da crise na escolaridade também estão identificadas:

- > Aumento tendencial do absentismo e do abandono escolar
- > Diminuição das expectativas e dos fatores motivacionais intrínsecos
- > Diminuição das condições exógenas para bons resultados de aprendizagem
8alimentação adequada; tranquilidade, conforto e repouso adequado; acesso a bens culturais.
- > Aumento potencial da anomia e dos comportamentos disruptivos.



Bartoom
Jornal Público

IMPACTOS EDUCACIONAIS



- » A realização do ofício de aluno é hoje marcada pela complexidade
- » Às aprendizagens formais, realizadas no contexto institucional da escola, associam-se as aprendizagens informais, realizadas no quotidiano.
- » As aprendizagens são configuradas no quadro da interceção simbólica dos círculos de pertença cultural das crianças e atravessadas pelas culturas da infância e da juventude.
- » A cultura digital desafia o ofício de aluno e reconfigura-o enquanto *e-ofício*.
- » A situação de crise tende a agravar um duplo conflito:
 - > as condições sociais favoráveis às aprendizagens *versus* o sucesso educativo
 - > as culturas da infância e da juventude *versus* a cultura escolar

EM SÍNTESE



A escola é quotidianamente colocada sob a luz do discurso mediático. No jogo de luz e sombras, que nesse discurso se desenha, a escola é colocada sob suspeita:

- > A escola entrou na era da justificação múltipla” (Derouet, 1994)
- > “A escola exprime o declínio do programa institucional” (Dubet, 2004)
- > Há “poderes instáveis em educação” (G. Sacristán, 2006)
- > “ A reforma da reforma – qualidade para quem?” (Escudero Muñoz, 2006)
- > “Em educação, tudo são evidências. Definitivas. Crenças... Doutrinas. Dogmas. Ilusões. Palavras gastas. Inúteis. O que é evidente, mente. Evidentemente.” (A. Nóvoa, 2006)



Foto João Josué Filho

DESAFIOS À ESCOLA



- » A reconfiguração do ofício de aluno em tempo de crise coloca a escola, no quadro da autonomia institucional relativa que tem, perante dilemas e tensões que definem o seu espaço de decisão:
 - > Na relação entre individualização e socialização
 - + Tensão entre as finalidades da escola democrática e as políticas hegemônicas
 - > Na relação entre autoridade e autonomia
 - + Tensão entre processo de afirmação da personalidade individual e hegemonia dos valores sociais
 - > Na relação entre competência e aprendizagem
 - + Tensão entre disciplinação e/ou anomia e construção do sujeito autônomo
 - > Na relação entre cultura escolar e culturas infanto-juvenis
 - + Tensão entre saberes do “canône escolar” e saberes que afirmam o aluno como sujeito de conhecimento
 - > Na relação entre igualdade de oportunidades entre crianças e “apartheid” social
 - + Tensão entre saberes eruditos e saberes do quotidiano infantil e juvenil

DILEMAS E TENSÕES



» O tipo de resposta aos dilemas enunciados definirá a natureza da escola e o seu sentido democrático ... ou não ...

Quando ouço os economistas dizerem que Portugal pode ficar entalado, há qualquer coisa no meu ser português que vibra mesmo. Porque podíamos ser outros. Temos terrenos de afetividade nas escolas que já não existem noutros lados...”

José Gil, 2012

» O desafio colocado no campo educativo consiste em reconstruir a aprendizagem sem destruir a intimidade da criança com o mundo.



EPÍLOGO



Fotos: Paula Nogueira e
Manuel Sarmiento